

DIPLOMACIA

Lula cobra esforço para preservar planeta

Presidente critica o sistemático desinteresse das nações em cumprir os acordos climáticos

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou apoio dos países ricos para financiar medidas de combate às alterações climáticas e à fome nos países menos desenvolvidos. Citando as queimadas que assolam o país, especialmente na Amazônia, disse ainda que não se exime de responsabilidade, mas não abriu mão da soberania brasileira sobre o bioma. Conforme ressaltou, passou da hora de os acordos de preservação sejam, efetivamente, levados a sério.

“O planeta já não espera para cobrar da próxima geração e está farto de acordos climáticos não cumpridos. Está cansado de metas de redução de emissão de carbono negligenciadas e do auxílio financeiro aos países pobres, que não chega”, frisou, na abertura da Assembleia-Geral das Nações Unidas, em Nova York.

Segundo o presidente, 2024 caminha para ser o ano mais quente já registrado, algo que deveria ser uma preocupação global. Para enfatizar as consequências dos extremos climáticos, citou exemplos recentes de desastres — como os furacões que atingiram o Caribe, em julho e agosto, e as inundações na África Central, que já deixaram mais de mil mortos. Incluiu, também, as queimadas que atingem o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia e as enchentes no Rio Grande do Sul.

“A Amazônia está atravessando a pior estiagem em 45 anos. Incêndios florestais se alastraram pelo país e já devoraram cinco milhões de hectares, apenas no mês de agosto. O meu governo não terceiriza responsabilidades nem abdica da sua soberania”, salientou, comprometendo-se, também, com o combate ao garimpo ilegal e ao crime organizado na Região Amazônica.

Sem ser enfático nas críticas a Israel — um dos motivos é que, caso a guerra contra o Líbano aumente de intensidade, terá de ter algum canal de diálogo diplomático para resgatar brasileiros que moram na região —, Lula, porém, preferiu saudar a presença da primeira delegação palestina na Assembleia Geral. A fala foi acompanhada por uma

Ricardo Stuckert/PR



O planeta já não espera para cobrar da próxima geração e está farto de acordos climáticos não cumpridos. Está cansado de metas de redução de emissão de carbono negligenciadas e do auxílio financeiro aos países pobres, que não chega”



O uso da força, sem amparo no Direito Internacional, está se tornando a regra. Presenciamos dois conflitos simultâneos, com potencial de se tornarem generalizados”

Presidente Lula na Assembleia-Geral da ONU

rodada de aplausos, menos da delegação israelense.

Guerras

Houve espaço, também, para defender a paz — sobretudo agora que Israel abre uma segunda frente de guerra ao atacar alvos ligados ao grupo extremista Hezbollah, no Líbano. Lula observou que, em 2023, foram

gastos mais de US\$ 2,4 trilhões com ações e artigos militares, que poderiam ter sido aplicados em ações de combate à fome e às mudanças climáticas.

“O que se vê é o aumento das capacidades bélicas. O uso da força, sem amparo no Direito Internacional, está se tornando a regra. Presenciamos dois conflitos simultâneos, com potencial de se tornarem confrontos

generalizados”, lamentou.

Houve espaço, também, para criticar o poder das redes sociais e a ameaça que podem se tornar à democracia. Sem citar o nome, Lula criticou o bilionário sul-africano Elon Musk, dono do X, suspenso no Brasil por descumprir determinações do Supremo Tribunal Federal (STF).

“O futuro de nossa região passa, sobretudo, por construir um Estado sustentável, eficiente, inclusivo e que enfrenta todas as formas de discriminação. Que não se intimide ante indivíduos, corporações ou plataformas digitais que se julgam acima da lei”, observou, argumentando, também, que os países têm o direito de regulamentar seus respectivos ambientes digitais.

Mais uma vez, o presidente cobrou uma reformulação nas Nações Unidas — um dos pilares da diplomacia exercida pelo governo Lula é a reforma do Conselho de Segurança, para o qual o Brasil reivindica presença permanente. Para Lula, a ONU está “paralisada”.

“Não podemos esperar por outra tragédia mundial, como a Segunda Grande Guerra, para, só então, construir sobre os seus escombros uma nova governança global”, cobrou.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br

Caio Gomez



Lula fala sobre quase tudo, menos sobre a Venezuela na ONU

O presidente Luiz Inácio Lula, ontem, na abertura na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), defendeu a reforma da entidade, o controle nacional sobre as redes sociais, a sustentabilidade do planeta, o combate à fome e o fim das guerras da Ucrânia e Gaza. Novamente, se colocou como voluntário à negociação dos conflitos e porta-voz do chamado Sul Astral, os países emergentes do hemisfério

Lula discursou por quase 20 minutos e seguiu um roteiro preparado pela equipe de diplomatas que o acompanhou, entre os quais o chanceler Mauro Vieira e o assessor especial Celso Amorim. Entretanto, passou ao largo do tema mais polêmico do subcontinente, as eleições da Venezuela, um mico no seu colo.

O alvo das críticas de Lula sobre as redes sociais foi o quase trilionário Elon Musk, dono do X, cuja atuação no país está suspensa pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O presidente defendeu o direito de cada país “legislar, julgar disputas e fazer cumprir as regras dentro de seu território, incluindo o ambiente digital”. Segundo Lula, “a liberdade é a primeira vítima de um mundo sem regras”.

Ele defende a regulamentação das redes sociais e da atuação das “big techs”. O viés nacionalista do discurso de Lula, porém, esbarra no debate sobre a liberdade de opinião, um dos temas do enfrentamento de Musk com o ministro Alexandre de Moraes, que suspendeu a atuação da rede por não submeter-se à legislação brasileira.

Sobre a Palestina, Lula não falou de genocídio, holocausto e crimes de guerra, como em ocasiões anteriores, o que gerou uma crise diplomática com Israel. Entretanto, classificou o que está acontecendo em Gaza e na Cisjordânia como “uma das maiores crises humanitárias da história recente, e que, agora, se expande perigosamente para o Líbano”. Disse que “o que começou como ação terrorista de fanáticos contra civis israelenses inocentes, tornou-se punição coletiva de todo o povo palestino”. Para Lula, o direito de defesa “transformou-se no direito de vingança, que impede um acordo para a liberação de reféns e adia o cessar-fogo”. Os diplomatas israelenses foram os únicos não aplaudiram.

O presidente brasileiro foi cauteloso ao tratar da Ucrânia. Disse que o Brasil condenou a invasão do território ucraniano pela Rússia, mas defendeu que os dois países abram negociações imediatas para acabar com a guerra. Recentemente, Lula conversou por telefone com o presidente russo Vladimir Putin, que o cacifou para mediar o conflito, mas precisa combinar com Volodymyr Zelensky, os Estados Unidos e a União Europeia. Na prática, o Brasil está mais próximo da China e da Rússia do que do presidente Joe Biden nesta questão.

Uma reivindicação histórica da diplomacia brasileira foi reiterada por Lula: a reforma da ONU e do Conselho de Segurança, no qual o Brasil não tem um assento permanente. “A exclusão da América Latina e da África de assentos permanentes no Conselho de Segurança é um eco inaceitável de práticas de dominação do passado colonial”, disse. “Estamos chegando ao final do primeiro quarto do século XXI com as Nações Unidas cada vez mais esvaziadas e paralisadas”, acrescentou.

China, Estados Unidos, França, Reino Unido e Rússia são os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, que é formado por 15 membros. Como têm poder de veto, esses cinco países, os grandes vencedores da II Guerra Mundial, são os menos interessados na reforma do Conselho. E como são países com interesses estratégico-militares distintos e, geralmente, envolvidos em conflitos, exercem o poder de veto de acordo com os seus interesses, um fator de enfraquecimento da ONU, como ficou evidente nas guerras da Ucrânia e de Gaza.

Não foi o melhor momento para Lula falar sobre sustentabilidade, por causa da crise climática no Brasil, tomado por incêndios florestais e muita fumaça nas cidades. Na defensiva, disse que o governo brasileiro “não terceiriza responsabilidades nem abdica da sua soberania. Já fizemos muito, mas sabemos que é preciso fazer mais”, disse. Citou as enchentes no Rio Grande do Sul como um exemplo, junto aos incêndios, da necessidade de medidas mais urgentes e profundas dos líderes globais. A cobrança em relação à maior participação dos países ricos no enfrentamento das questões ambientais faz todo sentido.

Entretanto, o Brasil vive uma contradição entre a necessidade de preservar seus biomas e a intensificação da exploração de petróleo e produção de combustíveis fósseis. Os velhos compromissos de Lula com os líderes da esquerda latino-americana também impregnaram seu discurso na ONU. Subliminarmente, responsabiliza os países desenvolvidos por mais “uma década perdida”, como se as lideranças latino-americanas não fossem as grandes responsáveis por esse fracasso.

Manteve a tradicional crítica ao embargo dos EUA a Cuba — o Brasil, doutrinariamente, é contra medidas econômicas punitivas dessa ordem —, ressaltou a dramática situação do Haiti e, simplesmente, ignorou a Venezuela, cujo presidente, Nicolás Maduro, fraudou sua própria reeleição e perseguiu violentamente a oposição.

Pato manco

A participação do homem mais poderoso do mundo na Assembleia Geral da ONU, o presidente Biden, foi uma despedida da política internacional, a poucos meses das eleições norte-americanas. Ele foi um dos artífices do maior isolamento imposto à Rússia na Europa, desde a II Guerra Mundial, a partir da invasão da Ucrânia. Porém, expõe toda sua fraqueza na Guerra de Gaza, que agora se estende ao Líbano porque perdeu o controle sobre o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu.

Boric critica “duplo padrão” sobre Venezuela

» MAYARA SOUTO

Se o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ao falar de democracia no discurso na Assembleia-Geral da ONU, não fez qualquer menção à ditadura na Venezuela, não pôde fugir do tema em um evento sobre o estado democrático de direito e os perigos do extremismo político. Quem fez o contraponto foi o presidente do Chile, Gabriel Boric, um dos primeiros a denunciar a fraude nas eleições presidenciais que deram o terceiro mandato a Nicolás Maduro.

“No Brasil e nos Estados Unidos, forças totalitárias promoveram ações violentas para desafiar o resultado das urnas. Compreender por que a democracia se tornou alvo fácil para a extrema direita e suas falsas narrativas, é um desafio compartilhado. O extremismo é sintoma de uma crise mais profunda, de múltiplas causas. A democracia liberal demonstrou-se insuficiente e frustrou as expectativas de milhões”, lamentou Lula.

Na intervenção que fez, Boric afirmou que também a esquerda é culpada por não dar as respostas adequadas às demandas sociais. “Gostaria de iniciar falando não sobre os adversários da esquerda, mas sobre nós mesmos. Hoje, os setores progressistas são questionados pela

Getty Images via AFP



Presidente chileno foi uma das primeiras vozes sul-americanas a denunciar a fraude na reeleição de Maduro

própria sociedade e é muito importante estabelecer o seguinte, em conjunto: existem certas matérias que representam avanços civilizatórios, em relação às quais deveríamos ter uma única postura, sem duplo padrão”, cobrou o presidente chileno, referindo-se à ditadura venezuelana, sem, porém, citá-la.

Para Boric, as lideranças progressistas têm a obrigação de adotar uma postura única contra regimes autocráticos, sejam eles de direita ou de esquerda. “Diante dessas situações no mundo,

precisamos adotar uma única posição como países progressistas. Os direitos humanos e a violação dos direitos humanos não podem ser julgados conforme a cor do ditador de turno ou do presidente que os violar, seja (Benjamin Netanyahu, em Israel, (Nicolás Maduro, na Venezuela, (Daniel Ortega, na Nicarágua, e (Vladimir Putin na Rússia. Quer se autodefinam de esquerda ou de direita, como progressistas precisamos ser capazes de defender princípios. Por isso, acho que, às vezes, fracassamos porque não

usamos a mesma medida para julgar aqueles que estão do nosso lado”, lamentou Boric.

O evento sobre democracia foi proposto pelo Brasil e pela Espanha, representada pelo primeiro-ministro Pedro Sánchez. Especialistas consultados pelo Correio tinham adiantado que Lula seria cobrado pela posição adotada em relação à Venezuela.

Porém, para evitar que pairasse mal-estar, Boric propôs ao brasileiro que o próximo encontro sobre o tema ocorra na capital chilena, Santiago.